

Há casamentos que a imaginação, mesmo a do literato com imensa prática, não pode conceber. É preciso aceitá-los, como se faz no teatro, quando vemos o velho caquético casando com a bela, de acordo com as premissas sobre as quais a farsa é mecanicamente construída.

Sim, a esposa de Jacoby, o advogado, era bonita e nova, uma mulher de encanto fora do vulgar. Alguns anos atrás - poderemos aventar trinta? - tinha sido baptizada com os nomes de Anna, Margarete, Rosa, Amalie; mas o nome por que ela se dava era Amra, formado pelas iniciais dos seus quatro nomes; e caía-lhe à perfeição como algo duma personalidade exótica. O seu cabelo, fértil e macio, que ela usava separado para um dos lados e que deixava cair para trás sobre as orelhas, desde as fontes, tinha um tom castanho brilhante; mas a sua pele ostentava a triste, escura palidez do sul, e vestia uma forma que os sois meridionais deviam ter sazonado. A sua lenta, voluptuosa e indolente presença sugeria o harém; cada movimento, sensual, preguiçoso, do seu corpo reforçava a sensação de que o seu cérebro estava inteiramente subordinado ao coração. Bastava que ela olhasse para alguém uma vez, com os seus olhos castanhos, sem artifícios, erguendo as sobrancelhas horizontalmente, numa testa pateticamente estreita, no jeito delicado que ela tinha, para que se ficasse com a certeza disso. Mas ela não era tão simples para não o notar. Muito simplesmente, evitava expor-se, falava raramente e pouco - e que há a dizer contra uma mulher que é, ao mesmo tempo, bela e silenciosa? Sim, a palavra «simples» é talvez a última que lhe seria aplicada. O seu olhar não tinha artifícios; mas também isso tinha uma espécie de luxuriosa astúcia - podia ver-se que ela não era triste, que podia até ser uma intriguista. Em perfil, o seu nariz era excessivamente grosso; mas a sua boca grande, carnuda, era encantadora, na falta de outra expressão a não ser a de sensual.

Este fenómeno perturbador era a esposa de Jacoby, o advogado, um homem de quarenta anos. Quem quer que olhasse para ela era constrangido a espantar-se com o facto. Era robusto, o advogado Jacoby; mas, robusto não é a palavra, ele era um perfeito colosso de homem! As suas pernas, na sua colunar falta de jeito, e as calças cinzento-ardósia que usava sempre, lembravam as de um elefante. As suas costas, roliças, corpulentas, eram as de um urso; e sobre o vasto círculo do ventre, o seu gracioso casaquinho cinzento era seguro por um simples botão apertado com tanta força que, quando se desabotoava, o casaco ficava vazio e abria-se com um estalo. A custo, uma coisa que poderia ser chamada pescoço, unia o seu vasto torso ao pequeno topo da cabeça. Esta tinha uns olhos estreitos e aguados, um nariz rechonchudo, e uma pequena boca entre as bochechas caindo com abundância. O lábio superior e a cabeça redonda estavam cobertos dumas cerdas ásperas, escassas, claras, que mostravam a pele nua como a dum cão super-alimentado. Não havia dúvida que a gordura do Jacoby não era saudável. O seu corpo gigante, tão alto como robusto, não era musculoso, mas flácido. O sangue precipitava-se no seu rosto tufoso; depois o abatimento deixava-o numa palidez amarelada, a boca aberta e amargosa.

A clientela de Jacoby era limitada; mas ele era próspero, em parte pelo lado da sua mulher; e o casal, sem filhos, vivia num confortável apartamento na Kaiserstrasse e entretinha-se bastante. O apartamento devia ter sido ao gosto de Frau Amra, porque é impossível imaginar que o advogado pudesse ter cuidado dele; ele foi apenas comparsa, com um entusiasmo quase doloroso. O carácter deste homem gordo era o mais singular do mundo. Nenhum ser humano podia ser mais delicado, mais acomodável, mais prazenteiro do que ele. Mas toda a gente sabia inconscientemente que esta hiper-polidez era de certo modo forçada, com origem numa íntima insegurança e covardia. A impressão que dava não era muito agradável. Era este o caso, posso dizê-lo, de Jacoby: a sua submissão era quase reptilínea, ia além dos limites da decência pessoal. Ele era absolutamente capaz de dizer a uma senhora, escoltando-a até à mesa: «Minha cara senhora, eu sou uma criatura fastidiosa, mas quer dar-me a honra?» Não havia humor misturado com a observação; era apenas sensaboria, amargura, masoquismo - numa palavra, fastidioso, como ele dizia.

O caso que se segue aconteceu há pouco: o advogado dava um passeio quando um carregador desajeitado lhe passou um carro de mão por cima do pé. Tarde demais, o homem parou o carro e olhou em volta - a vista do que Jacoby, pálido e ofuscado, as bochechas a sacudirem para cima e para baixo, tirou o chapéu e tartamudeou: «Des... desculpe». Uma coisa destas é de fazer perder a cabeça. Mas este extraordinário colosso parecia sofrer perpetuamente duma praga de consciência: quando deu um passeio com a esposa pelo Lerchenberg, o Corso da pequena cidade, andava com os olhos em volta de Amra que caminhava a seu lado, com o seu admirável andar elástico, e curvava-se tão inquieto, diligente e zeloso, em todas as direcções que parecia estar a pedir desculpa a todos os tenentes que encontravam, por estar indignadamente de posse duma esposa tão bela. A sua boca tinha uma patética expressão afectuosa como se desejasse desarmar o desdém do mundo.

Eu tenho quase insinuado que a razão por que Amra casou com Jacoby é impenetrável. Por parte dele, estava apaixonado; ardentemente, como as pessoas da sua estrutura física raramente são capazes, e com a mesma ansiosa humildade com que o seu carácter se amoldava. Às vezes, durante a noite, entrava mansamente no seu quarto, de janelas altas e vasos de flores, tão mansamente que não se ouvia um ruído excepto os estalidos do chão e da mobília. Dirigia-se até ao sólido leito de Amra, onde ela já repousava, ajoelhava-se e, com um cuidado infinito pegava na sua mão. Ela erguia as sobranceiras, da maneira leve como era seu costume, e fitava o marido, objecto ante si, à luz fosca, com um olhar de malícia e sensualidade combinadas. Com as mãos moles e trémulas, ele afagava-lhe suavemente a manga e apertava a sua face trágica, rechonchuda, contra a carne morena do seu pulso, onde se viam algumas pequenas veias azuis. E falava-lhe, numa voz sacudida, meio sufocada, como um homem sensível nunca fala na sua vida de todos os dias:

- Amra, minha querida Amra! Não estou a incomodar-te? Ainda não estavas a dormir? Meu Deus! Tenho pensado todo o dia como tu és bonita e como eu te amo. Peço-te que me oiças porque é tão difícil exprimir o que sinto. Amo-te tanto que muitas vezes o meu coração se contrai e não sei para onde me virar. Amo-te para além das minhas forças. Tu não compreendes isto, bem sei; mas acreditas, e deves dizer, pelo menos uma ou outra vez, que me estás um pouco agradecida. Porque, repara, um amor como o meu por ti é precioso, tem o seu valor nesta nossa vida... E tu nunca me enganarás ou decepcionarás, mesmo se me não amas, fora da gratidão por este amor. Vim cá para te pedir, tão seriamente, tão fervorosamente como posso... » aqui o discurso do advogado dissolvia-se em soluços, num choro baixo, amargo, ajoelhado. Amra sentia-se comovida; acariciava as cerdas do marido e dizia repetidas vezes, na cantilena pungente, desdenhosa que se usa para um cão que nos vem lambe os pés: «Sim, sim, cachorro, cachorro!»

O comportamento de Amra não era o de uma mulher moral. Para aliviar o meu cérebro da verdade que há tanto tempo guardo, digo que ela já decepcionou o marido; atraíçoou-o pelos braços de um cavalheiro chamado Alfred Lütner, um talentoso músico que aos vinte e sete anos tinha feito já uma pequena reputação com composições ligeiras. Era um rapazote esbelto com um rosto provocador, uma juba loira e um sorriso alegre nos olhos, de que ele era conhecedor. Pertencia à actual raça de pequenos artistas que não exigem muito de si, cuja primeira exigência é estar alegres e felizes, que empregam os seus pequenos talentos para realçar os seus encantos pessoais. Agradá-lhes representar na sociedade o papel de génios incompreendidos. Conscienciosamente infantis, inteiramente imorais e sem escrúpulos, felizes e satisfeitos de si como são, e com saúde bastante para gozar até os seus desregramentos, são conformes até na vaidade, enquanto esta não for ferida. Mas aí destes infelizes *poseurs* quando um infortúnio sério, com o qual não se pode coquetear, cai sobre eles, e quando não podem durante mais tempo serem agradáveis aos seus próprios olhos. Não saberão como ser infelizes decentemente e em ordem, não saberão como atacar o problema do sofrimento. Serão destruídos. Tudo isto é uma história em si. Mas Herr Alfred Lütner escrevia coisas bonitas, na maioria valsas e mazurcas. Elas teriam sido bastante alegres e populares para serem consideradas música como eu a entendo, se cada uma contivesse alguma passagem com um pouco de originalidade, uma modulação, uma harmonia, algum efeito arrojado que mostrasse engenho e invenção, que era evidentemente o fulcro de tudo o que se tornava interessante nos músicos genuínos. Frequentemente, estas duas simples cadências tinham um estranho som choroso, melancólico que saía abruptamente da peça de música e regressava do mesmo modo.

Amra Jacoby ardia em criminosa paixão por este jovem que, como para si próprio, não tinha bastante fibra moral para resistir às suas seduições. Encontravam-se aqui, encontravam-se ali, e durante alguns anos essas relações imorais subsistiram nas costas do advogado. Mas que pensava ele? Amra não era bastante sensível para haver perigo de se atraíçoar com a consciência culpada, por isso devemos tomar como certo que, ainda que o coração do advogado estivesse triste, não alimentava suspeitas definidas.

A primavera chegou, alegrando todos os corações; e Amra teve uma extraordinária ideia.

- Christian - disse ela (o nome de Jacoby era Christian) - vamos dar uma festa, uma festa para celebrar a nova cerveja... Muito simples, é claro, apenas um grupo de pessoas.

- Certamente, - disse o advogado - mas não podia ser um pouco mais tarde?

Ao que Amra não respondeu, passando logo a considerar os pormenores.

- Será muita gente e não podemos dá-la aqui. O melhor é alugar um local, uma espécie de restaurante nos arredores, onde haja uma sala vazia e ar fresco. Tratas disso tu. O sítio em que estou a pensar é o grande pavilhão de Wenlentin, ao pé do Lerchenberg. O pavilhão é independente do restaurante e da cervejaria, apenas ligado por uma passagem. Poderemos decorá-lo e colocar umas mesas compridas, beber o nosso *bock* e dançar - temos de ter música e talvez até uma espécie de farsa. Sei que há um pequeno estrado que nos será muito útil. Será uma festa bastante original e um não acabar de divertir-se.

O rosto do advogado tinha-se tornado dum pálido amareláceo enquanto ela falava, e os cantos da sua boca desceram. Só disse:

- Minha querida Amra! Isso será delicioso! Deixo tudo ao teu cuidado, és tão inteligente. Trata de tudo como quiseres!

E Amra tratou de tudo. Pediu conselhos a diversas senhoras e cavalheiros, foi pessoalmente alugar o

pavilhão, até constituiu um *comité* de pessoas que eram convidadas ou que se ofereceram para cooperar na representação. Estes eram exclusivamente homens, excepto a esposa de Herr Hildebrandt, um actor do Hoftheater, que era ela mesma cantora. Havia também Herr Hildebrandt, o assessor Witznagel, um pintor jovem, Alfred Lütner, o músico, e alguns estudantes trazidos por Herr Witznagel, que fariam um batuque.

Uma semana depois Amra tinha construído o seu plano, e este comité reuniu-se na sala de visitas de Amra em Kaiserstrasse - uma pequena sala muito aquecida, com uma pesada carpete, um sofá com montes de almofadões, um leque de palma, cadeiras de couro inglês e uma mesa em mogno de pernas afastadas, com uma toalha de veludo sobre a qual estavam diversos volumes encadernados em marroquim. Havia também uma lareira, onde ainda ardia um pouco de fogo e no topo da chaminé de mármore estavam alguns pratos com sanduíches, copos e dois jarros de *sherry*. Amra estava reclinada num canto do sofá, sob o leque de palma, com as pernas cruzadas. Ela tinha a beleza duma noite quente de verão. Uma blusa fina de seda clara cobria o seu peito, mas a saia era dum pano grosso, com grandes flores bordadas. Às vezes erguia uma das mãos para repuxar o cabelo que lhe caía para a testa estreita. Frau Hildebrandt sentou-se a seu lado no sofá; tinha o cabelo ruivo e usava fato de equitação! No extremo oposto, os cavalheiros formavam um semicírculo - entre os quais o próprio Jacoby, na cadeira mais baixa que conseguiu encontrar. Ele olhava com um espanto inexprimível, retinha uma longa aspiração e inspirava em seguida, como se lutasse contra uma náusea crescente. Herr Alfred Lütner estava em trajo de ténis - não quis sentar-se, preferiu encostar-se decorativamente contra a lareira, dizendo jovialmente que não poderia estar tanto tempo agachado.

Herr Hildebrandt falou com entusiasmo de canções inglesas. Ele era o cavalheiro mais respeitável, de fato preto, com a sua cabeça romana e uns gestos seguros - em poucas palavras, um actor digno dum teatro da corte, culto, instruído, e com gostos finos. Gostava de pregar a condenação de Ibsen, Zola e Tolstoi, pois todos tinham os mesmos fins absolutamente condenáveis. Mas, hoje, estava benignamente interessado no pequeno assunto que se discutia.

- Conhecem esta inestimável canção «Eis aqui Maria!»? - perguntou. - Talvez um pouco forte mas muito positiva. - E então - isto e aquilo - sugeriu outras canções para as quais pediu a aprovação, e Frau Hildebrandt disse que as cantaria. O jovem pintor, que tinha os ombros oblíquos e uma barba muito loura, era por efectuar um acto de prestidigitação. Herr Hildebrandt ofereceu-se para imitar diversas personagens famosas. Resumindo, tudo decorreu maravilhosamente, o programa tinha sido aparentemente arranjado, quando o assessor Witznagel, que tinha facilidade de gestos fluentes, de repente tomou a palavra.

- Muito bem, senhoras e cavalheiros, parece que tudo está bastante divertido. Mas, se me permitem a opinião, ainda nos falta uma coisa; quero dizer, um pequeno escândalo, um «clímax», uma coisa ligeiramente aterradora, talvez, para criar ambiente. Deixo isso ao vosso cuidado, não tenho nada de especial na ideia, penso apenas...

- Isso é verdade! - A voz de tenor de Alfred Lütner veio desde a lareira onde estava encostado. - Witznagel tem razão. Necessitamos de criar ambiente. Devemos pôr-nos todos a pensar! - Meteu os dedos no cinturão vermelho e olhou de modo insinuante à sua volta.

- Sim, se não considerarmos as famosas personagens como o grande escândalo - disse Herr Hildebrandt. Toda a gente concordava com o assessor. Era preciso uma coisa picante como número principal. Até Jacoby inclinou a cabeça e murmurou: - Sim, sim, uma coisa alegre e impressionante... - Todos

pensavam!

No fim daquela pausa, que apenas foi quebrada por exclamações abafadas, uma coisa extraordinária aconteceu. Amra estava sentada, meio reclinada entre os almofadões, roendo, tão diligentemente como um rato, a ponta da unha do seu dedo mindinho. Tinha um olhar estranho no rosto: um sorriso vago, quase irresponsável, que deixava entrever uma sensualidade ao mesmo tempo atormentada e cruel. Os seus olhos, muito brilhantes e rasgados, viraram-se lentamente para a chaminé onde, durante um breve segundo, se encontraram com os do músico. Então, subitamente, lançou todo o corpo para um lado do assento, em direcção do marido. Com ambas as mãos nas suas lapelas, cravou no seu rosto um olhar ávido e aderente, ela própria se tornou mais pálida, e disse na sua voz lenta e rica:

- Christian, e se tu aparecesses no fim como *chanteuse*, num camisão de bebé em cetim vermelho, e executasses uma dança?

O efeito destas palavras foi tremendo. O jovem pintor tentou rir de bom humor; Herr Hildebrandt com o rosto pétreo, sacudiu uma migalha da mesa; a sua esposa enrubescceu, coisa rara nela; os estudantes tossiram e usaram os lenços ruidosamente; e Herr Assessor Witznagel simplesmente abandonou a sua cadeira, pálido, com um sorriso atemorizado. Ele olhava em volta e tartamudeava:

- Mas, meu Deus... Eu... eu... eu não po... isso não, eu... peço desculpa, mas...

Alfred Lütner perdeu a sua expressão radiante; até parecia ter corado ligeiramente, e estendeu o pescoço para espreitar de modo perscrutador a face de Amra. Parecia confundido e transtornado.

Mas ela, Amra, conservando a mesma pose persuasiva, continuou no mesmo tom:

- E tens de cantar, Christian, uma canção que Herr Lütner vai compor especialmente para ti, e ele acompanhar-te-á ao piano. Não poderemos ter um *clímax* melhor e mais eficiente.

Depois houve uma pausa, uma pausa opressiva. Então esta coisa extraordinária aconteceu: Herr Lütner, levado pela sua excitação, deu um passo em frente e, com a sua voz levemente trémula de entusiasmo, disse:

- Herr Jacoby, é uma ideia extraordinária, e eu estou mais que pronto para compor algo. O senhor necessita de uma dança e de uma canção, nada é imponderável para o nosso caso. O senhor verá, será a melhor coisa que eu já escrevi e escreverei. Num camisão de bebé em cetim vermelho! Oh, a sua esposa é uma artista, só um artista pode conceber semelhante ideia! Diga, pois, que sim, peço-lhe. Eu farei a minha parte, verá, será uma coisa perfeita.

Aqui a cerimónia quebrou-se e a reunião tornou-se animada. Pondo de parte a delicadeza ou a malícia, começaram todos a assediar o advogado com súplicas; Frau Hildebrandt foi tão longe que chegou a dizer, alto, na sua voz de Brünhilde:

- Herr Jacoby, no fim de contas, o senhor é um homem tão folgazão e divertido!

Mas o advogado libertava-se e falava, ligeiramente pálido, mas com uma grande força de vontade:

- Mas escutem-me, senhoras e cavalheiros... que lhes posso eu dizer? Não cai com o meu feitio, acreditem. Não tenho dotes histriónicos, e por outro lado... resumindo, não, é absolutamente impossível, pronto!

Persistiu, obstinado, a recusar, e Amra não insistiu mais, e foi sentar-se com o seu olhar ausente. Herr Lütner estava calado também, olhando fixamente, em profunda abstracção ante um desenho do estofo. Herr Hildebrandt mudou de tema, e agora a reunião do *comité* acabou-se sem chegar a uma decisão final sobre o *clímax*.

Nessa mesma noite Amra foi para a cama e ficou deitada com os olhos muito abertos; o marido subiu a custo para o quarto, puxou uma cadeira para o lado do leito, deixou-se cair nela e disse, em voz baixa, hesitante:

- Escuta, Amra; para ser franco, estou muito aborrecido. Eu recusei hoje aquilo - não queria ofender ninguém - mas sei que não queria dizer isso. Ou tu na verdade sentes que foi assim? Peço-te que me digas.

Amra ficou um momento calada, enquanto as suas sobrancelhas se erguiam vagarosamente. Então encolheu os ombros e disse:

- Não sei, meu caro amigo, como responder-te. Procedeste duma maneira que eu não esperava da tua parte. Estavas áspero, recusaste apoiar os nossos planos quando todos achavam isso indispensável. Para pôr as coisas suavemente, tu desapontaste toda a gente e desiludiste todo o grupo com a tua rude falta de condescendência. Fosse como fosse, era o teu dever como anfitrião...

O advogado inclinou a cabeça e suspirou profundamente. Disse:

- Acredita-me, Amra, eu não tinha intenção de ser descortês. Não gosto de ofender ninguém; se procedi mal estou pronto a emendar. É apenas uma brincadeira, no fim de contas, uma pequena e inocente mascarada - porque não? Não quero deitar por terra toda a festa, estou pronto para...

No dia seguinte à tarde, Amra foi de novo «fazer preparos». Dirigiu-se ao número 78 Holzstrasse e subiu ao segundo andar, onde tinha um encontro. E quando acalmou, com a expansão do seu amor, apertou-lhe a cabeça apaixonadamente contra o peito e segredou-lhe:

- Escreve isso para quatro mãos. Nós dois o acompanharemos enquanto ele canta e dança. Vou eu própria tratar do fato.

E um grande arrepio, um ataque de riso reprimido e espasmódico correu através dos membros de ambos.

Herr Wendelins, situado no declive do Lerchenberg, deve ser recomendado a todas as pessoas que pretendam dar uma festa ao ar livre. A entrada faz-se pela linda estrada suburbana, através dum portão alto, gradeado, e passa-se para o jardim, no centro do qual se ergue um espaçoso pavilhão, comunicando com o restaurante, a cozinha e a cervejaria, apenas por uma estreita passagem. E um grande pavilhão de madeira, pintado de cor clara, numa divertida mistura de estilos chinês e renascença. Tem portas dobráveis que ficam abertas quando faz bom tempo para deixar entrar o ar dos bosques, e costuma reunir-se aí muita gente.

Nessa noite, quando as carruagens se aproximavam, eram saudadas desde longe pelo brilho de lâmpadas coloridas. Toda a entrada, as árvores, e o próprio pavilhão foram ornamentados com lanternas, enquanto o interior constituía uma extasiante visão. Espessas grinaldas foram fixadas no tecto e enfeitadas com lanternas de papel. Grupos de lâmpadas eléctricas pendiam entre as decorações, nas paredes, que consistiam em ramos de pinheiro, bandeiras e flores artificiais; todo o pavilhão estava brilhantemente iluminado. O estrado tinha plantas de folhagem agrupadas de ambos os lados, e uma cortina vermelha

com o desenho pintado de um génio presidindo, pairando no ar. Uma longa fileira de mesas decoradas corria quase a todo o comprimento da sala. E nestas mesas, os convidados do procurador Jacoby prosperavam no assado de veado frio e na cerveja *bock*. Havia certamente mais de cento e cinquenta pessoas: oficiais, advogados, comerciantes, artistas, oficiais superiores, com as esposas e filhas. Todos estavam vestidos à vontade, com fatos negros e toilettes ligeiras de primavera, porque se tratava de um acontecimento alegre e sem cerimónias. Os próprios cavalheiros levavam as suas canecas até aos grandes barris colocados junto a uma das paredes; a espaçosa, festiva sala, brilhantemente iluminada, encheu-se duma atmosfera doce e pesada de ramos verdes, flores, cerveja, comida, e seres humanos; e havia grande algazarra e um zumbido de gargalhadas e conversas - as conversas em voz alta e as gargalhadas espontâneas, sem restrições, de toda a gente ali reunida.

O procurador estava sentado, informe e isolado, na extremidade da mesa, perto do estrado. Bebia pouco e de vez em quando dirigia um elaborado comentário à sua vizinha, Frau Regierungsrat Havermann. Respirava ofegante, os cantos da boca caídos para baixo, olhava fixamente com os seus olhos bojudos e aguados para a animada cena, com uma espécie de remota melancolia, como se residisse em toda essa alegria ruidosa alguma coisa inexpressivamente dolorosa e perplexa.

Grandes tortas de fruta começaram agora a passar de mão em mão para que todos se servissem; beberam vinho novo e chegou o momento dos discursos. Herr Hildebrandt celebrou a nova cerveja num discurso suave quase inteiramente constituído por citações de clássicos, até de gregos. Herr Witznagel, com gestos floridos e em engenhosas paráfrases, brindou às senhoras, tomando uma mão cheia de flores do vaso mais próximo e comparando cada flor a um dos encantos femininos. A Amra Jacoby, que estava sentada no lado oposto, com um vestido de seda amarelo pálido, ele chamou «a mais encantadora irmã do Marechal Niel».

Então ela baixou a cabeça significativamente ao marido, atirando para trás o cabelo que lhe caía para a testa; à vista do que o homem gordo se levantou e quase destruiu a atmosfera criada, gaguejando meia dúzia de palavras num esforço doloroso, esboçando um sorriso repulsivo. Alguns bravos, semicordiais, recompensaram-no; então houve uma pausa opressiva, depois da qual a alegria retomou a regência. A fumar, já com um grãozinho na asa, levantaram-se todos da mesa e eles próprios, fazendo um grande barulho, removeram as mesas do pavilhão, a fim de abrir espaço para dançar.

Já passava das onze e a alegria reinava. Alguns dos convidados saíram para o jardim iluminado, para tomar ar; outros ficaram no pavilhão, de pé, em grupos, fumando, dando à língua, tirando cerveja dos barris e bebendo-a em pé. Então uma trombeta, alto, soou do estrado, chamando toda a gente para a representação. O grupo chegou e tomou o seu lugar atrás das cortinas; filas de cadeiras foram colocadas e programas vermelhos distribuídos por elas; os cavalheiros encostavam-se ao longo das paredes. Era um silêncio expectante.

A orquestra tocou uma ruidosa abertura e as cortinas afastaram-se para mostrar uma fila de negros horríveis que exibiram os seus bárbaros costumes e os seus lábios cor de sangue, rangendo os dentes e emitindo bramidos selvagens.

Sem dúvida a representação coroou de êxito a festa de Amra. À medida que continuava, os aplausos tornavam-se cada vez mais entusiásticos. Frau Hildebrandt veio com uma cabeleira empoada, batendo com um cajado de pastora no chão, e cantou - numa voz demasiado volumosa - «Eis aqui Maria!». Um prestidigitador, com o casaco coberto de ordens executou os mais espantosos milagres; Herr Hildebrandt imitou Goethe, Bismarck e Napoleão duma maneira espantosamente viva, e o editor de um diário, o Dr.

Wieseusprung, improvisou uma leitura humorística que tinha como tema a cerveja *bock* e o seu significado social. E agora o *suspense* atingiu o seu auge, porque tinha chegado o momento do último, do misterioso número que aparecia no programa emoldurado numa grinalda de loureiro e se intitulava: «A pequena Lizzy. Canção e dança. Música de Alfred Lütner ».

Um movimento percorreu o pavilhão, e os olhos de todos foram ao encontro da orquestra que se sentava junto dos instrumentos, e Alfred Lütner vinha da porta onde tinha estado a vadiar com um cigarro entre os lábios salientes, para tomar o seu lugar ao lado de Amra Jacoby ao piano. O rosto de Herr Lütner estava brilhante e inclinou-se sobre o manuscrito riscado nervosamente; Amra, por seu lado, estava bastante pálida. Inclinava um braço para trás da cadeira e olhava nebulosamente para a assistência. A campainha soou, os pianistas tocaram alguns acordes dum acompanhamento insignificante, as cortinas abriram-se e a pequena Lizzy apareceu.

Toda a assistência ficou entorpecida de espanto quando essa massa trágica e adornada se moveu numa espécie de dança-do-urso. Era Jacoby. Uma comprida vestimenta, sem forma, de cetim vermelho, sem pregas, caía-lhe aos pés; era aberta por cima para fazer sobressair a repulsiva ostentação do pescoço gordo, polvilhado de pó de arroz. As mangas consistiam unicamente num tufo nos ombros; mas os braços flácidos estavam cobertos por umas compridas luvas cor de limão; na cabeça empoleirava-se uma grande cabeleira loira com uma pena verde pendente. E, sob a cabeleira, havia uma face, uma face balofa, tenra, infeliz e desesperadamente alegre, com umas bochechas que se agitavam pateticamente para baixo e para cima, e uns olhos pequenos, pintados de vermelho, que se punham angustiosamente no chão e não diziam absolutamente nada. O homem gordo levantou-se com esforço duma perna para a outra, enquanto com as suas mãos, ou puxava a saia para cima ou levantava ligeiramente os dedos indicadores - os únicos dois gestos que sabia. Numa voz agonizante e sufocada começou a cantar para o acompanhamento ao piano.

A lamentável figura exalava mais do que nunca um hálito frio de angústia. Ele matou toda a alegria e caiu como um peso opressivo sobre a audiência. Havia horror ao fundo de todos aqueles olhos enfeitiçados, fixos no par que estava ao piano e naquele marido, ali no estrado. O monstruoso, indizível escândalo durou cinco longos minutos.

Então veio um momento que nenhum dos presentes esquecerá por mais anos que viva. Vejamos o que aconteceu nesse espantoso e horrível instante.

Todos conhecem, sem dúvida, essa absurda cançoneta chamada «Lizzy». E lembram-se dos versos

*Eu danço a polca até estar aturdida,*

*eu danço a valsa mais e melhor,*

*eu sou o despeito popular, a pequena Lizzy*

*que põe todos os homens orgulhosos...*

que forma o trivial e desagradável refrão de três longas estâncias. Reparei que Alfred Lütner tinha composto um novo arranjo dos versos, que era, como ele disse, a sua obra prima. Ele tinha levado ao mais alto grau o seu pequeno artifício de introduzir numa peça vulgar e humorística, uma repentina frase de pura arte criativa. A melodia, em dó sustenido maior, tinha sido, nos primeiros acordes bastante bonita mas totalmente banal. No princípio do refrão, o ritmo tornou-se mais animado e notaram-se dissonâncias que pela acentuação dum si bequadro fazia com que ficássemos à espera duma transição para mi

sustenido maior. Estas dissonâncias desenvolveram-se antes da palavra «melhor»; e depois de «eu sou o» a culminação em mi sustenido maior devia ter vindo. Em vez disso, porém, aconteceu uma coisa mais surpreendente. Isto é, depois de uma mudança brusca, por processos de inspiração que quase roçavam pela genialidade, a clave mudou para mi maior, e este pequeno interlúdio, com o uso de ambos os pedais na longa aspiração da primeira sílaba da palavra «Lizzy», era indescritível, quase de efeitos aterradores. Foi uma surpresa, um assalto aos nervos, causou arrepios, foi um milagre, uma revelação, foi como se a cortina se erguesse de repente para mostrar alguma coisa despida.

E ao acorde em mi maior, o procurador Jacoby parou de dançar. Mas ainda ficou lá, ficou lá como se tivesse fincado raízes no estrado, com os seus dois dedos erguidos, um mais baixo que o outro. A palavra «Lizzy» grudou-se-lhe na garganta, ficou mudo; quase ao mesmo tempo o acompanhamento cortou o sustenido, e a incrível, absurda, fantasmagórica figura ficou ali especada, com a cabeça para a frente como a de um novilho, fixando os olhos avermelhados à sua frente. Fixava-se no pavilhão brilhantemente iluminado e amontoado de pessoas, no qual, como uma exalação de toda aquela gente, o escândalo pairava e engrossava visivelmente. Ele fixava-se em todas as faces viradas para cima, escurçadas e distorcidas pela luz, nessas centenas de pares de olhos todos dirigidos com a mesma expressão sagaz, para ele próprio e para o duo ao piano. Num silêncio horrível, quebrado pelo mais ínfimo som, o seu olhar viajou lentamente dos assistentes para o duo, enquanto os seus olhos se abriam desmesuradamente. Então o conhecimento pareceu brilhar no seu rosto, como uma súbita onda de sangue, fazendo-se vermelho como o camisão que envergava, para dar logo lugar a uma palidez de cera - e o homem gordo teve um colapso, fazendo a plataforma estalar sob o seu peso.

Durante outro momento, o silêncio reinou. Então houve guinchos, seguiu-se uma grande algazarra, alguns cavalheiros tomaram coragem para subir à plataforma, entre os quais um médico jovem e as cortinas caíram ao mesmo tempo.

Amra Jacoby e Alfred Lätner ainda estavam sentados ao piano. Tinham-se afastado um pouco um do outro, e ele, com a cabeça inclinada, parecia ouvir ainda o eco do seu acorde em mi maior, enquanto ela, com o seu cérebro de pardal, ainda não tinha abrangido a situação e olhava em volta com uma expressão vaga.

O jovem médico regressou. Era um pequeno cavalheiro judeu, de rosto sério e uma pequena pêra afilada. Algumas pessoas assediaram-no à porta com perguntas às quais ele respondeu com um encolher de ombros e estas palavras:

- Tudo acabado.